

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MONIZA LOPES MOURA ALVES

**BULLYING NA SALA DE AULA: A PERCEPÇÃO E AÇÃO DE PROFESSORES  
DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE  
OEIRAS-PI**

PICOS-PI  
2014

MONIZA LOPES MOURA ALVES

**BULLYING NA SALA DE AULA: A PERCEPÇÃO E AÇÃO DE PROFESSORES  
DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE  
OEIRAS-PI**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí-UFPI, como parte dos requisitos necessários para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

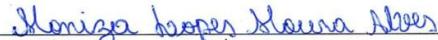
**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup>. Ma. Renata Gomes Monteiro.

PICOS-PI

2014

Eu, **Moniza Lopes Moura Alves**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 10 de março de 2014.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**A474b** Alves, Moniza Lopes Moura.  
Bullying na sala de aula: a percepção e ação de professores do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Oeiras – PI / Moniza Lopes Moura Alves. – 2013.

CD-ROM ; 4 ¼ pol. (56 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Profa. MSc. Renata Gomes Monteiro

1. Violência. 2. Bullying. 3. Professor. 4. Sala de Aula.  
I. Título.

CDD 371.58

**MONIZA LOPES MOURA ALVES**

**BULLYING NA SALA DE AULA: A PERCEPÇÃO E AÇÃO DE PROFESSORES  
DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE  
OEIRAS-PI**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí-UFPI, como parte dos requisitos necessários para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientador (a):** Profª. Ma. Renata Gomes Monteiro.

Aprovado em: 13 / 02 / 2019

**BANCA EXAMINADORA**

*Renata Gomes Monteiro*

Profª. Ma. Renata Gomes Monteiro

Orientadora

Universidade Federal do Piauí

*Alex Sandro Coitinho Sant' Ana*

Prof. Me. Alex Sandro Coitinho Sant' Ana

Examinador

Universidade Federal do Piauí

*Erinalda de Sousa Hipólito Barros*

Profª. Especialista Erinalda de Sousa Hipólito Barros

Examinadora

Universidade Federal do Piauí

Aos meus pais e meus irmãos,  
pessoas irreverentes, amadas e  
extremamente especiais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela força e persistência que me deu para chegar até aqui, lutei contra as adversidades e com muito esmero venci.

Aos meus pais Inácio Eufrásio e Laurentina Lopes pela educação que me deram e por terem me ensinado os valores da vida, o amor, atenção e incentivo durante esta caminhada.

Aos meus irmãos, Monácio Lopes e Monário Lopes pelas palavras de conforto ao longo do tempo e pelos inúmeros momentos divertidos que me proporcionaram.

A minha professora orientadora, Renata Gomes Monteiro, uma profissional de excelência que foi muito mais que uma Orientadora, foi uma grande parceira nesta caminhada, por sua dedicação, paciência e pelos saberes compartilhados no percurso de elaboração deste trabalho que foram essenciais para a conquista deste resultado.

A todos os meus amigos (as) de van que fizeram com que as longas jornadas de viagens de Oeiras até Picos e vice-versa não fossem tão enfadonhas, cansativas, mas sim alegres e muitas vezes cômicas, em especial a minha amiga Jusciléia Isidório, companheira fiel dessa caminhada e colega de sala que compartilhou as angústias, as dificuldades, as conquistas, as dúvidas e os problemas encontrados durante o caminho que agora chegou ao fim.

Enfim, agradeço a todos, de coração, por terem me ajudado direta ou indiretamente durante minha graduação e na elaboração deste trabalho.

“Nenhum trabalho de qualidade pode ser feito sem concentração e auto-sacrifício, esforço e dúvida.”

(Max Beerboh)

## RESUMO

As práticas de violência tornam-se constantes em diversos ambientes, principalmente nos espaços escolares. Essas atitudes violentas podem vir a ser bullying, um fenômeno que se apresenta geralmente de forma sutil no cotidiano das escolas, sem que os educadores percebam ou possam levar em consideração suas consequências devido ao fato da dificuldade de diferenciá-la de outros tipos de violência. A pesquisa apresenta uma análise da percepção e atuação de professores do 6º ano do ensino fundamental frente aos casos de bullying na sala de aula. Tal pesquisa foi baseada nos estudos dos seguintes teóricos: Fante (2005, 2010 e 2012), Chalita (2008), Silva (2010), Teixeira (2011), Ventura (2011), Constantini (2004), Guareschi (2008). Para o estudo foram utilizados como instrumentos de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada com 15 perguntas abertas, para 7 (sete) professores. A análise das entrevistas permitiu concluir que a maioria dos docentes dessa pesquisa não sabe definir ao certo o que é o bullying, possibilitando assim que esse tipo de violência tenha um livre curso entre as atividades escolares. Portanto, deve-se tomar conhecimento de que o bullying é um problema real e na medida em que os docentes, a escola, os pais, a sociedade, ficarem informados e capacitados plenamente para sua identificação e seu enfrentamento este problema será passível de solução.

**Palavra-chave:** Violência. Bullying. Professor. Sala de aula.

## **ABSTRACT**

The practice of violence become constants in many environments, especially in school spaces. These violent attitudes can become bullying, a phenomenon that often presents subtly in daily school without that educators can understand or take into account the consequences due to the fact the difficulty differentiates it from other types of violence. The research presents an analysis of the perception and action of teachers in the 6th grade of elementary school deal with cases of bullying in the classroom. This research was based on theoretical studies of the following: Fante (2005, 2010 and 2012), Chalita (2008), Silva (2010), Teixeira (2011), Ventura (2011), Constantini (2004), Guareschi (2008). For the study was used as instruments of data collection a semi - structured interview with 15 open questions, for seven (7) teachers interview. The analysis of the interviews showed that the majority of teachers in this study can not define exactly what is bullying, thus enabling this type of violence has a free travel between school activities. Therefore, one should be aware that bullying is a real problem and to the extent that teachers, school, parents, society, stay informed and fully prepared for your identification and coping with this problem is solvable.

**Keyword:** Violence. Bullying. Teacher. Classroom.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
3.1	BULLYING: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E CONSEQUÊNCIAS.....	17
3.2	O DESENVOLVIMENTO DO BULLYING NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES.....	24
3.3	BULLYING: ESTRATÉGIAS PARA PREVENÇÃO ESCOLAR.....	28
3.4	O FENÔMENO BULLYING E OUTROS TIPOS DE VIOLÊNCIA.....	30
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>35</b>
4.1	A CONCEPÇÃO DOCENTE SOBRE O BULLYING E CONSEQUÊNCIAS DO FENÔMENO.....	35
4.2	RECONHECIMENTO DO BULLYING E OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	37
4.3	SUJEITOS QUE POSSAM VIR A PRATICAR E SOFRER AÇÃO DE BULLYING NA CONCEPÇÃO DOS DOCENTES.....	42
4.4	BULLYING: CONHECIMENTO NA FORMAÇÃO INICIAL OU CONTINUADA DOS DOCENTES.....	44
4.5	TEMPO GASTO EM SALA PARA RESOLVER CONFLITOS.....	47
4.6	ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO BULLYING.....	49
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
	<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>57</b>
	<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Rotineiramente tornam-se constantes as práticas de violência em diversos ambientes, principalmente nas instituições de ensino. Em se tratando especificamente de violência escolar, nos últimos anos, foi possível identificar, predominantemente nestes espaços, uma prática antiga de maus tratos entre alunos que vinha sendo desconsiderada ou entendida como uma brincadeira de idade, porém recentemente, passou a ser reconhecida e denominada por bullying.

É interessante salientar que brincadeiras são naturais entre as pessoas, isto é, elas zoam, fazem piadas com outras, se divertem. Contudo, quando essas brincadeiras ganham requintes de crueldades que ameaçam o direito a educação, a saúde, o desenvolvimento de vítimas que se encontram indefesas e acontecem de forma continuada e crônica, transformam-se em atos de bullying.

Apesar de o bullying ser um fenômeno sócio-histórico nas vivências escolares, a atenção para esta temática, iniciou em meados dos anos 1970 a partir de trabalhos da Universidade de Bergen na Noruega, pelo pesquisador Dan Olweus que começou a investigar nas escolas do país problemas dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto (FANTE, 2005).

Foi somente no final de 1982 que despertou a atenção das instituições de ensino para o problema, quando um acontecimento dramático marcou a história do país: três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, haviam se suicidado no norte da Noruega. As investigações do caso apontaram, como principal motivação da tragédia, as situações de maus-tratos a que tais jovens foram submetidos por seus colegas de escola. Tais incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de bullying.

Fante (2005, p.45) afirma que:

Dan Olweus, pesquisador, quem desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema, permitindo diferenciar de outras possíveis brincadeiras próprias do amadurecimento do indivíduo, ele pesquisou inicialmente cerca de oitenta e quatro mil estudantes, de trezentos a quatrocentos professores e em torno de mil pais, em vários níveis do ensino, e constatou que a cada sete estudantes um estava envolvido em casos de bullying, o que gerou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, reduzindo em torno de 50% dos casos e incentivou outros países europeus a desenvolver programas de apoio e intervenção do problema.

Desde que Olweus (1989), relacionou essas brincadeiras ao nome bullying, pesquisas a respeito das causas e conseqüências do bullying passaram a ser desenvolvida. Os Estados Unidos são um grande pioneiro nas pesquisas e também na prevenção e combate ao bullying em suas escolas.

No Brasil, o bullying passou a ser conhecido e estudado pela ABRAPIA<sup>1</sup> (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e à adolescência) onde se desenvolveu um projeto em onze escolas na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo do projeto era conscientizar e prevenir a ocorrência de bullying nas escolas. Sendo que professores e alunos participaram do projeto que obteve resultados positivos<sup>2</sup>.

Outras pesquisas foram realizadas no país, porém de forma setORIZADA ou não direcionada exclusivamente ao tema como a pesquisa realizada pela Plan Internacional Brasil<sup>3</sup>. Com o objetivo de adquirir um levantamento de dados sobre as situações de maus tratos nas relações entre estudantes de escolas brasileiras tendo como base o ano letivo de 2009, foram selecionadas cinco escolas de cada uma das cinco regiões geográficas do País, sendo vinte públicas municipais e cinco particulares. Participaram da pesquisa 5.168 estudantes. Os dados revelaram a frequência de bullying superior a três vezes, durante o ano letivo pesquisado, sendo que 70% presenciaram cenas de agressões, 30% dos alunos declararam ter vivenciado ao menos uma situação violenta no mesmo período, mas apenas 10% disseram serem vítimas, 10% autores e 3% disseram reproduzir os maus tratos sofridos se convertendo em vítimas e autoras ao mesmo tempo. Revelam, também, que a incidência maior está entre os adolescentes na faixa de 11 anos a 15 anos de

---

<sup>1</sup> Uma ONG que promoveu e defendeu por mais de 20 anos os direitos de crianças e adolescentes.

<sup>2</sup> A ONG confirmou através de sua pesquisa que 60% dos alunos pesquisados afirmaram que o bullying ocorria com mais frequência, dentro da sala de aula, o que assinala uma diferença importante com relação às pesquisas internacionais, que têm apontado que o bullying ocorre, com mais frequência, nos intervalos de recreio e nos horários de entrada e saída da escola. Outro dado importante desta pesquisa foi revelado pelo fato de que 51,8% dos autores de bullying relataram que nunca foram repreendidos ou advertidos por conta disto.

<sup>3</sup> Uma ONG Internacional de desenvolvimento que no Brasil, desde 1997, desenvolve programas nas áreas de saúde, educação e direitos das crianças. Possui hoje mais de 50 projetos que atendem aproximadamente 75 mil crianças e adolescentes. Seus projetos visam assegurar o direito de crianças e adolescentes à proteção contra a violência e abusos do tipo, contra a pobreza, a desigualdade, a degradação do meio ambiente e para uma boa alimentação, saúde e educação. Por meio da campanha Global “aprender sem medo”, realizou ampla pesquisa sobre bullying, se convertendo em referência nacional sobre a temática. Atualmente desenvolve um projeto-piloto de enfrentamento ao bullying e cultura de paz em escolas maranhenses.

idade e alocados na sexta série do ensino fundamental. Outro dado importante revelado é que quanto mais frequentes os atos repetitivos de maus tratos contra um determinado aluno, mais longo é o período de duração da manifestação dessa violência. (FANTE, 2010).

O termo bullying se origina de uma palavra inglesa adotada em muitos países que define “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma ou outra pessoa e colocá-la sob tensão”. (TATUM e HERBERT, 1999 apud FANTE; PEDRA, 2008, p. 33).

Dessa forma, Ramos (2008, p. 1) define que:

O ato bullying ocorre quando um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, outro aluno.

Assim sendo, o ato bullying não possui uma motivação que justifique os ataques, portanto, “o bullying nasce da recusa a uma diferença, da intolerância, do desrespeito ao outro” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 41).

Como nem sempre deixa marcas físicas visíveis que denunciam a agressão, o bullying vem se mostrando devastador nas relações entre estudantes, pois geralmente, passa despercebido aos educadores.

Infelizmente, o que se tem visto constantemente nas salas de aula de todos os países é jovem amedrontando e maltratando colegas, também é comum no decorrer da vida escolar, estudantes presenciarem essas violências. Estes “contratempos” exigem um preparo especial dos professores e coordenadores pedagógicos para reconhecerem estas situações e impedirem que tais comportamentos se perpetuem. O que é lastimável, entretanto, é observar que a sala de aula, que deveria ser um espaço de construção da aprendizagem se torne para alguns um lugar de sofrimento, maus tratos, falta de compreensão, podendo contribuir para evasão escolar.

De acordo com Fante, (2005, p. 49):

[...] não há dúvida de que a maioria dos casos de bullying acontece no interior da escola. Entretanto, para que um comportamento seja caracterizado como bullying, é necessário distinguir os maus tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves.

Dessa forma o comportamento bullying é compreendido como um subconjunto de atitudes agressivas, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva que não acontece de forma reativa (no calor de uma discussão, conflitos ou brigas por dois indivíduos). Outro fator importante a ser considerado é a de que o ato bullying é executado dentro de uma relação desigual de poder, aquilo que Olweus (1993 apud VENTURA; FANTE 2011, p. 22) designa como uma “relação de poder assimétrica”. Por exemplo, quando dois estudantes estão brigando, e existe um desequilíbrio de forças, isto é, ambos não possuem capacidades físicas ou psicológicas semelhantes, estamos lidando com o bullying.

Por se diferenciar dos outros tipos de violência e não se tratar de um ato de violência pontual, o bullying se apresenta de forma sutil no cotidiano das escolas ao longo da história, sem que pais e educadores possam perceber ou levar em maior consideração as suas consequências aos alunos.

Sabe-se que para a realidade brasileira, os períodos considerados críticos a desenvolver picos de vulnerabilidade ao bullying são aqueles referentes às transições do 5º para o 6º ano do ensino fundamental e do 9º ano do ensino fundamental para o 1º ano do ensino médio (FANTE, 2005). Compete ressaltar que a transição para o 6º ano, coincide para a maioria dos estudantes, com o início da adolescência, período no qual as manifestações agressivas ocorrem mais frequentemente em virtude das transformações maturacionais ocorridas nesta etapa de desenvolvimento. (GALLAHUE 1989 apud TOURINHO; TOURINHO FILHO, 1998).

Assim, acredita-se que os alunos desta série estão mais sujeitos a desenvolverem tipos de agressividade e violência, inclusive o bullying.

Diante disso, lança-se o seguinte problema de pesquisa: como os professores do 6º ano do ensino fundamental reconhecem o fenômeno bullying e como atuam diante desse tipo de violência?

Como objetivo geral, pretendeu-se conhecer a percepção e atuação de professores do 6º ano do ensino fundamental frente aos casos de bullying na sala de aula. Como objetivos específicos, tem-se: identificar a concepção dos professores pesquisados sobre o bullying e consequências do fenômeno; examinar que estratégias os professores pesquisados usam para intervir nos conflitos de bullying na sala de aula; verificar se na formação inicial e continuada dos professores

pesquisados foram abordados temas relacionados às práticas de bullying; averiguar se os professores pesquisados fazem distinção das violências em geral e o bullying.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de o bullying estar presente na maioria das salas de aula e frequentemente ocorrer na presença do professor, segundo, ABRAPIA (2002). Com isso, é necessário saber se os professores estão reconhecendo e lidando com o fenômeno de maneira adequada.

Em um contexto atual complexo, violento e pouco empático, se faz necessária uma atenção mais específica, sistemática e preventiva para a escola como um todo, pois os efeitos psicológicos do bullying, tanto para os agressores quanto para as vítimas, são destruidores e duradouros.

O tema se faz relevante em virtude de o bullying ser um problema que atinge o mundo todo, sendo encontrado em toda e qualquer escola, e não se restringindo a nenhum tipo de instituição, seja ela primária, secundária, pública ou particular, rural ou urbana (ABRAPIA, 2002). Outro ponto que marca a relevância desta pesquisa é contribuir para chamar a atenção dos profissionais da educação e da sociedade para refletir sobre o tema, oportunizando igualmente um olhar mais atento às situações de violência ligadas ao espaço escolar podendo assim, ajudar no reconhecimento, distinção e prevenção deste tipo de violência.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

O referido estudo ocorreu mediante uma pesquisa de campo, uma vez que promove uma maior interação entre o pesquisador no cotidiano vivido pelos sujeitos da pesquisa. Diante disso, Oliveira (2002) ressalta que é uma investigação que, além de uma análise bibliográfica, os pesquisadores coletam dados com pessoas, fazendo uso de diversas técnicas.

A coleta de dados utilizada nessa pesquisa ocorreu mediante o instrumento de pesquisa entrevista semi-estruturada. Optou-se por esse tipo de entrevista, devido à existência de “um guia previamente preparado que serve de eixo orientador do desenvolvimento da entrevista, garantindo que os diversos participantes respondam as mesmas questões” (COSTA, 2004, p. 8). Assim, haverá maior liberdade dos professores em discursar sobre as questões elaboradas e trazer novas contribuições que sejam pertinentes à temática de investigação.

Nesse contexto, buscar-se-á conhecer, no decorrer das entrevistas, a percepção e ação dos docentes frente ao bullying na sala de aula. Para alcançar os objetivos, partiu-se do pressuposto, assim como afirma Fante (2005), de que rotineiramente os professores vivenciam situações de bullying entre os alunos.

Outro instrumento de coleta de dados adotado para essa pesquisa foi a observação não participante, neste caso, o observador não participa dos acontecimentos, ele observa e registra no momento em que ocorrem os fatos. Conforme Prodanov e Freitas (2009), o pesquisador presencia o fato, mas não se deixa envolver pelas situações, faz mais papel de espectador.

Os dados analisados terão com base uma abordagem qualitativa. De acordo com Pope e Mays (1995, p. 42), “os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos”.

Dos 10 (dez) professores do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Oeiras-PI, participaram da pesquisa apenas 7 (sete) docentes. Sendo 3 (três) do sexo masculino e os outros 4 (quatro) do sexo feminino, com faixa etária de 21 a 48 anos de idade. Os demais docentes que não aceitaram participar da pesquisa justificaram que lhes faltavam tempo ou não sabiam responder as perguntas. Todos os sujeitos afirmaram ter curso superior, possuindo formação em: Matemática, letras/português, história, pedagogia e Filosofia. Lecionando nas

respectivas matérias dos dois 6º anos do ensino fundamental: Português, matemática, ciências, história, geografia e ensino religioso.

Com o intuito de preservar a identidade dos docentes os mesmos passaram a ser classificados por letras do alfabeto, ou seja, foram chamados de PA, PB, PC, PD, PE, PF e PG.

A escola em questão denomina-se Unidade Escolar Costa Alvarenga, localizada na Rua Praça Costa Alvarenga, nº178, bairro centro. Iniciou seu funcionamento em 1929 no período que hoje funciona o Museu de Artes Sacras da cidade, somente em 21 de Setembro de 1938 foi inaugurado o prédio que hoje é a sede desta. Inclusive a parte original é tombada pelo Instituto Histórico.

É ofertado na escola o ensino fundamental do 6º ao 9º ano. A escola funciona no turno matutino e vespertino, sendo que no turno matutino possui duas séries de 8º ano e no turno vespertino funcionam apenas os anexos (séries de escolas do interior da cidade que passaram a fazer parte da escola) e mais um 6º ano do ensino fundamental. Os anexos que a escola é responsável são respectivamente, o Buriti do Rei e o Morro Redondo, ambos com 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

Atualmente a escola conta com uma diretora, uma coordenadora pedagógica e 40 educadores, todos distribuídos nos turnos vespertinos e matutinos. Sua clientela atende em média, incluindo os anexos, 405 alunos.

Ressalta-se mais uma vez que essa série foi escolhida devido ao fato das pesquisas apontarem que a incidência maior de bullying como afirma Fante (2010) está entre adolescentes na faixa de 11 a 15 anos de idade e alocados na sexta série do Ensino fundamental.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 BULLYING: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E CONSEQUÊNCIAS.

Conforme Fante (2005), a definição universal de bullying é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (a), causando dor, angústia e sofrimento. Fante (2005, p. 28 e 29) corrobora afirmando que:

Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying.

Dessa forma, o bullying além de ser caracterizado por esses conjuntos de comportamentos agressivos e repetitivos físicos ou morais, ocorre geralmente contra alguém que não pode se defender como ressalta Constantini, (2004, p. 69):

As ações realizadas por intermédio do bullying são verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

As formas de incapacidade das vítimas, citadas acima, em se defender e também em não conseguir motivar outras pessoas a ajudá-las, as diferenciam em relação às vítimas de outro tipo de violência.

Samivalli (1998 apud LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009, p. 60) afirma que: “o que diferencia claramente o bullying de outras violências é a caracterização repetitiva e sistemática, com a finalidade de prejudicar alguém ao perceber que este outro é mais fraco, e que não conseguirá reagir e enfrentar a situação”.

Além disso, Fante (2008 p. 37) designa a sua principal diferença em relação a outros tipos de violência “a propriedade de causar traumas irreparáveis ao psiquismo das vítimas, comprometendo sua saúde física e mental e seu desenvolvimento socioeducacional”.

De acordo com Chalita (2008), o bullying pode ser praticado de forma direta ou indireta. A forma direta é utilizada com maior frequência entre os meninos, como

por exemplo, as agressões físicas. Já a indireta é mais praticada pelas meninas, tendo como características atitudes de difamação e fofocas que levam ao isolamento social por parte das vítimas.

Segundo Silva (2010), a violência praticada no fenômeno bullying pode ser caracterizada como: verbal (insultar; ofender; xingar; fazer gozações; colocar apelidos pejorativos; fazer piadas ofensivas e zoar); física e material (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences das vítimas, atirar objetos contra as vítimas); psicológico e moral (irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo entre os colegas, fazer intrigas, fofocas ou mexericos); sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar) e virtual conhecido também como Cyberbullying<sup>4</sup> (praticado através da internet).

Os atores envolvidos nas práticas agressivas caracterizadas como bullying, segundo Fante (2005) são: vítimas típicas, vítimas provocadoras, vítimas agressoras, agressores e espectadores.

A vítima é aquela frequentemente ameaçada, intimidada, isolada, ofendida, discriminada, agredida. Recebe apelidos e provocações, tem objetos pessoais furtados ou quebrados, e, conforme Guareschi, (2008, p. 54):

As vítimas, de modo geral, possuem algumas características em comum, como, por exemplo: aspecto físico mais frágil, timidez, ter poucos amigos, ser pouco sociável, ser quieto e encabulado. Ao sofrer os efeitos do bullying, elas passam a piorar seu desempenho escolar, recusando-se a ir para a escola. Muitas vezes chegam a simular doenças, trocam de colégio ou abandonam os estudos, podendo até entrar em depressão.

Em se tratando de vítimas típicas, Fante (2010) as definem como alvos preferidos dos agressores, por oferecer pouca ou nenhuma resistência frente aos ataques e por silenciar-se. Suas características mais comuns são: aspecto físico mais frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, são muito inseguras, tem uma autoestima rebaixada, possuem dificuldade de aprendizado, são muito ansiosos e possuem aspectos depressivos (FANTE, 2005).

---

<sup>4</sup> Expressão dada pelo Canadense Bill Besley. Segundo Ventura e Fante (2011, p.63) é uma crueldade social online, que eleva o perigo e os efeitos do bullying para um novo patamar em que ninguém pode se sentir seguro.

Já as vítimas provocadoras são aquelas que agem impulsivamente, provocando os colegas e atraindo contra si reações agressivas, contra as quais muitas vezes não conseguem lidar com eficiência. Fante (2005, p. 72) esclarece que:

A vítima provocadora possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; é de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

As vítimas agressoras são aquelas que reproduzem os maus tratos sofridos como forma de compensação, por isso procuram outras vítimas para descontarem o que sofrem na escola. Fante (2005) afirma que essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com o que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.

Em relação aos agressores do bullying, Guareschi (2008) afirma que, o agressor ou autor é aquele que vitimiza os mais fracos e costuma manifestar pouca empatia. Ele impõe o poder e a ameaça para alcançar aquilo a que se propõe. Geralmente é mais forte que seus companheiros de classe, por ser mais velho ou maior fisicamente, ou ainda, por apresentar maior habilidade física nas brincadeiras e nos esportes.

O pesquisador Dan Olweus citado na obra de Fante (2005, p. 75) elenca alguns comportamentos que devem ser observados para que o agressor seja identificado na escola, tais como: faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil; coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama; faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga; incomoda, intimida, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxam os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos; pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o consentimento dos mesmos.

Já para a identificação do comportamento deste em casa: regressa da escola com as roupas amarrotadas e com o ar de superioridade; apresenta atitude hostil, desafiante e agressiva com os pais e irmãos, chegando a ponto de atemorizá-los sem levar em conta a idade ou a diferença de força física; é habilidoso para sair-se bem de “situações difíceis”; exterioriza ou tenta exteriorizar sua autoridade sobre alguém; porta objetos ou dinheiro sem justificar sua origem.

Os espectadores ou testemunhas do bullying são aqueles que presenciam as situações deste e não interferem, representam a maioria dos alunos que convive com o problema. Na maioria das vezes a omissão deve pelo fato de ser a próxima vítima ou temerem alguma represália.

Segundo Silva (2010), os espectadores estão divididos em: espectadores passivos, ativos e neutros. Os espectadores passivos são aqueles que têm medo de serem as próximas vítimas e por isso não saem em defesa dos seus colegas. Já os espectadores ativos são os alunos que, apesar de não participarem das agressões, acabam dando apoio aos agressores por meio de risadas e piadinhas. Os Espectadores neutros são aqueles alunos que não demonstram sentimentos diante das agressões aos seus colegas, geralmente são crianças e jovens que já convivem com a violência no seio familiar.

Ressalta-se que cada indivíduo em determinado local ou momento pode desempenhar diferentes papéis no bullying, por exemplo, os agressores podem ser vítimas, as vítimas podem vir a ser potenciais agressores, e os espectadores se tornam em determinados momentos vítimas e/ou agressores.

Isso acontece, por exemplo, quando os espectadores ou testemunhas ativas zoam, ou dão risadas, com o intuito de uma forma de legitimação do comportamento aberrante dos agressores, sendo muitas vezes os articuladores dos ataques “camuflados” de bons moços, já que não têm coragem de praticar as ações diretamente funcionando assim como um apoio passivo para estes, sendo que essa testemunha pode vir a ser um agressor em potencial.

É possível também que uma vítima típica possa vir a ser passiva, quando que esta silencia frente aos ataques. Tal vítima pode ser também uma espectadora, nos momentos em que ela presencia ataques a outros sujeitos.

Outro exemplo é quando se verifica que alguns agressores, desempenhando papel violento com frequência, podem sentir que seu poder agressivo não pode se sobrepor com determinados sujeitos por estes serem mais fortes tendendo aqueles assumirem o papel de uma vítima típica. Assim, Joãozinho que ataca o Paulinho é, por sua vez, atacado pelo Joaquim. Conforme Ventura e Fante (2011, p. 28).

No caso do bullying nas escolas, a essência das configurações é situacional e depende, fundamentalmente, das relações de poder num determinado momento, da presença ou ausência de adultos e da atitude que esses tenham relativamente às manifestações de agressão aberta ou velada.

Quanto às consequências que o bullying pode trazer aos envolvidos nesta prática, são inúmeras e afetam principalmente a vítima que na sua maioria sofre em silêncio. Fante (2005, p. 79), deixa claras as consequências desse fenômeno quando diz:

Afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém, especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de seus filhos, além de acarretar prejuízos para sua saúde física e mental.

Diante da afirmação acima, serão citadas abaixo as consequências que afetam todos os atores do fenômeno, ou seja, as vítimas, os agressores, as testemunhas ou espectadores respectivamente.

Segundo Fante (2005, p. 80) as vítimas de bullying podem apresentar “explosões de cólera e episódios transitórios de paranoia ou psicose, comprometendo a regulação da emoção e da memória”.

Ainda sobre as possíveis consequências causadas pelo bullying nas vítimas, Pereira (2002) acrescenta que as vítimas podem perder a autoconfiança e confiança nos outros, falta de auto-estima e auto conceito negativo e depreciativo, falta de concentração, dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, acarretando problemas nas relações íntimas.

No meio escolar as consequências da vitimização do bullying são muitas, e preocupantes, o desempenho escolar geralmente é afetado, alguns alunos que anteriormente demonstrava interesse pelos conteúdos escolares, repetidamente vão perdendo o interesse e até deixando de tirar dúvidas na sala por receio de ser ridicularizado perante a turma, em alguns casos existem alunos que chegam a desistir da escola, por não suportar a violência e gozações dos colegas.

De acordo com a ABRAPIA (2002), as vítimas que sofrem bullying, dependendo de suas características individuais e de suas relações com os meios em que vivem em especial as famílias, poderão não superar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos na escola. Poderão assumir, também, um comportamento agressivo. Em casos extremos, alguns deles poderão tentar ou a cometer suicídio.

Quando não superado os traumas obtidos pelas agressões sofridas, as vítimas podem acarretar problemas psíquicos e comportamentais. Para Silva (2010, p. 25), os problemas mais comuns são: Transtornos do Pânico, que faz o indivíduo

ser tomado por uma sensação enorme de medo e ansiedade, acompanhada de uma série de sintomas físicos; Fobia escolar, caracterizada pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar; Fobia Social, que leva a vítima a sofrer de ansiedade excessiva e persistente, com temor exacerbado de se sentir o centro das atenções ou de estar sendo julgado e avaliado negativamente; Depressão, que trata-se de uma doença que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento; Anorexia e Bulimia, que são transtornos alimentares; Transtornos obsessivo Compulsivo, que se caracterizam por pensamentos sempre de natureza ruim, intrusivos e recorrentes, causando muita ansiedade e sofrimento; Transtorno de Estresse Pós-Traumático, que são transtornos por ideias intrusivas e recorrentes do evento traumático, como flashbacks e lembranças de todo horror que os abateu.

Em contrapartida, o agressor, como consequência, poderá desenvolver condutas antissociais e comportamentos delinquentes, quais sejam:

Agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... Afinal foi assim nos anos escolares. (FANTE, 2005, p. 81)

Teixeira (2011, p. 57), acrescenta outro dado importante sobre as consequências impostas ao agressor, que é o padrão agressivo de comportamento demonstrado no colégio que tende a se repetir na faculdade, no ambiente de trabalho e que seus filhos apresentam mais chances de sofrer abuso físico podendo desenvolver no futuro o comportamento de bullying também.

Já as testemunhas ou espectadores sofrem indiretamente as consequências:

[...] mesmo não sofrendo as agressões diretamente, muitos deles podem se sentir inseguros e incomodados. Alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado, o que pode influenciar sua capacidade e progresso acadêmico e social. (FANTE, 2005, p. 73)

Observando a gravidade do problema, e partindo do pressuposto assim como Ventura e Fante (2011) de que o bullying é um problema que afeta a totalidade dos estabelecimentos de ensino. É necessário que a escola tenha o dever de levar

esse fenômeno para a sociedade, estimulando a preveni-lo e até encontrar parcerias ligadas ao poder público como: conselhos tutelares, delegacia da criança e do adolescente, entre outros.

Ou seja, as instituições escolares tem que fazer seu papel transmitindo os conhecimentos, promovendo inclusão social e psicológica, levando o fenômeno para a sociedade até despertar a consciência da importância do combate ao bullying e buscar essas parcerias para que consiga a criação e aprovação de tão importantes leis para as escolas de todo o país, tanto públicas como privadas.

Silva (2010, p. 119) diz que:

No Brasil já existe um projeto de lei (nº350, de 2007) do deputado estadual Paulo Alexandre de Barbosa (PSDB- SP), no qual o poder executivo fica autorizado a instituir o programa de combate ao bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do estado de São Paulo. Atualmente o projeto aguarda entrar em votação na Câmara Legislativa de São Paulo.

Porém, no estado do Maranhão a governadora Roseana Sarney sancionou a Lei de enfrentamento ao bullying escolar<sup>5</sup>, de número 9.297, de 17 de Novembro de 2010. Além desta, o município de Codó/MA, aprovou Lei de combate ao bullying, que em comum acordo outros municípios do Maranhão vêm solicitando Leis municipais com a mesma finalidade que é a de proteger as escolas da existência de bullying. De acordo com Ventura e Fante (2011, p. 44) a lei sobre bullying já está em vigor também nos estados: Paraíba, Santa Catarina, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Ceará, Amazonas e Paraná.

Embora estes estados brasileiros tenham implantado leis que protegem as vítimas dessa violência, em nosso país, infelizmente, não existe uma lei federal nesse sentido, porém, esse fato não impede as escolas de denunciar os casos, pois caso contrário, poderão ser responsabilizadas de omissão, uma vez que o Estatuto da Criança e do Adolescente, garante nos Art. 13º e 245º, respectivamente que: os casos de suspeita ou confirmação de maus tratos, contra criança e adolescente serão obrigatoriamente comunicado ao conselho tutelar da respectiva localidade, sem prejuízos de outras providências legais; Deixar o médico, o professor ou

---

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.plan.org.br/noticias/conteudo/lei\\_estadual\\_de\\_enfrentamento\\_ao\\_bullying\\_escolar\\_%C3%A9\\_sancionada\\_pela\\_governadora\\_do\\_maranh%C3%A3-451.htm](http://www.plan.org.br/noticias/conteudo/lei_estadual_de_enfrentamento_ao_bullying_escolar_%C3%A9_sancionada_pela_governadora_do_maranh%C3%A3-451.htm). Acesso em: 14 nov 2013.

responsável por estabelecimento de atenção à saúde e ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita, ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente.

Com isso, percebe-se que fazer valer os direitos direcionados a criança e ao adolescente, é sem dúvida uma das decisões mais acertadas pelos educadores e por toda a sociedade em geral.

Silva (2010, p. 119) diz que:

Já está mais do que na hora de todos os estados brasileiros tomarem consciência da importância do combate ao bullying. Leis que tratem do problema não se destinarão a mudar a realidade escolar do país: elas terão a missão de transformar a realidade de nossas crianças e adolescentes diante da violência que consome os melhores anos de suas vidas

O bullying é real e é imprescindível que esta violência seja ignorada pela sociedade e pelas escolas do país. Contudo, é de suma importância que para identificar o bullying, assim como espera Fante (2012, p. 26) seja:

Necessário reconhecer seus critérios e diferenciá-lo daquilo que faz parte do processo de socialização ou de algo natural da infância e da adolescência. Não é bullying o ato de fazer brincadeiras pontuais engraçadas, inconsequentes ou irritantes. Não é bullying a emissão de comentários ou opiniões divergentes, discussões ou brigas, entre outras possibilidades inerentes às relações interpessoais. Não são bullying os conflitos ou ofensas pontuais, que resultam em mágoa ou raiva passageira.

Diante do exposto, mais uma vez enfatiza-se o fato de reconhecer o bullying para ter como finalidade combatê-lo, essa violência ainda velada que compromete até as finalidades da educação, devido ao seu grande índice de incidência, principalmente nas salas de aula de todo país.

### 3.2 O DESENVOLVIMENTO DO BULLYING NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

O bullying é indiscutivelmente prejudicial à aprendizagem, uma vez que envolve as relações em sala de aula e o cotidiano escolar em uma atmosfera de desrespeito, tensão e medo. No Brasil, as pesquisas apontam para sala de aula

como local de maior incidência de tal fenômeno, conforme asseveram Fante e Pedra (2008, p. 54).

Atos violentos e repetitivos, na sua grande maioria, não são vistos como bullying e, em geral, os professores veem como brincadeiras normais, o que demonstra falta de um olhar conhecedor e atencioso para perceber os conflitos e impedir que os mesmos se propaguem.

Entretanto, os educadores devem estar atentos para o fato de que nem toda briga ou discussão pode ser rotulada como bullying. Assim, como espera Fante (2012, p. 26):

Identificar o bullying entre os alunos não é tarefa simples, por se tratar de uma forma de violência bastante específica. Muitas vezes, os ataques não podem ser visualizados, ou seja, são desprovidos de materialidade, e as vítimas não têm como comprová-los, o que gera incompreensões e inconformismos. O autor pode utilizar formas mais veladas e silenciosas, como gestos, olhares, expressões fisionômicas, bilhetes com mensagens humilhantes ou ameaçadoras, além dos ataques virtuais, que costumam ocorrer onde não há a supervisão dos adultos.

É normal em sala de aula existir entre os alunos vários conflitos e tensão. O que se faz necessário observar as atitudes dos alunos em relação a estes acontecimentos e qual o grau de intensidade e frequência destes. Porém, a observação deve existir de maneira a permitir que uma brincadeira que pareça inocente não venha a se transformar em uma ação de bullying.

Há também que se ficar atento para os alunos que não se manifestam nas atividades em sala por timidez ou insegurança e aqueles que possuem bastantes atitudes permissivas aos colegas, segundo Fante (2005, p. 48):

Se há na classe um aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de se impor-se e de ser agressivo e com frequência se mostra fisicamente indefeso, do tipo bode expiatório, ele logo será descoberto pelo agressor. Esse tipo de aluno representa um elo frágil da cadeia, uma vez que o agressor sabe que ele não vai revidar se atacado, que se atemorizará, vindo talvez a chorar, não se defenderá de ninguém [...].

Assim, o aluno descrito acima, constitui-se para um agressor num alvo ideal, por isso, os educadores devem procurar meios que propicie a uma rede de relações entre todos os alunos da sala, baseado no trabalho da inclusão, nos princípios éticos

e valores humanos, como forma de expressão, respeito e senso de responsabilidade.

Deste modo, a relação professor e aluno deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional. Cabe a esse profissional, encarregar-se de oferecer um modelo de relacionamento humano que deverá estar baseado na sua capacidade de compreensão e aceitação do outro.

Assim, é imprescindível que se estabeleça uma ação pedagógica na sala de aula que ajude a detectar precocemente o bullying e para que não se desenvolva problemas como as violências escolares em geral. É preciso pensar numa formação de professores adequada, que oriente os profissionais a trabalharem com a ausência de valores humanos, presentes, visivelmente nesses espaços.

Arroyo (2000) corrobora com a afirmativa acima quando afirma que na formação de professores são aprendidas disciplinas sobre conhecimentos de natureza e da sociedade ensinar e com que metodologia, porém não aprendemos como ensinar e aprender a sermos humanos.

Em se tratando de formação docente, Ventura e Fante (2011, p. 47) consideram que devemos fazer uma reflexão sobre a mesma, visto que, para eles é “o elemento mais importante de uma política concreta de enfrentamento ao bullying”. Entende-se que por essa razão se faz urgente uma capacitação dos mesmos que os oriente adequadamente a lidar com problemas deste tipo de violência no ambiente escolar, pois são esses profissionais que trabalham cotidianamente com os alunos e que conseqüentemente podem mais facilmente detectar e intervir nos casos.

Ventura e Fante (2011, p. 52) ainda retificam a afirmativa acima quando dizem:

É necessário que a formação inicial e contínua dos professores os prepare para lidar com as situações de bullying buscando transformar os nossos estabelecimentos de ensino em locais onde seja passível edificar, num clima de segurança e de bem-estar, as personalidades dos nossos alunos.

Lech (2007 apud DURAN, 2000, p. 32) complementa essa ideia colocando que a formação inicial dos professores deveria estar mais voltada para a educação de um profissional reflexivo, que esteja orientado para a interdisciplinaridade.

De acordo com Camacho (2001), os professores estão mais preocupados em cumprir suas funções didáticas e atender à necessidade de completar o cronograma de matérias e tarefas, ainda que os problemas resultantes da dinâmica relacional em sala e que permeiam a escola comprometam seus objetivos.

O que se percebe geralmente, no entanto, são professores sem comprometimento com a sua profissão, que não buscam soluções para lidar com conflitos de violência em sala de aula chegando a deixar a desenvolver principalmente o bullying, uma vez que, não tomam medidas precoces contra este tipo de violência que atrapalha as relações de aprendizagem em sala de aula.

Há até alguns que por despreparo de formação pedagógica, não sabem como agir e em que momento agir; não diferenciam o bullying de outros tipos de violência e outros que nem se quer reconhecem a existência do bullying. Estão, portanto, colaborando para formar cidadão sem iniciativa, que não reagem frente às injustiças.

Porém, existem alguns profissionais que recorrem à direção da escola solicitando auxílio, mas o que acontece muitas vezes é que a ação da direção resume-se a uma punição regulamentar, que não chega a atingir as causas do problema. Desta forma, o fenômeno bullying se mantém sem que nada seja efetivamente feito pelos educadores para evitá-lo.

Infelizmente o que acontece é que a complexidade desse comportamento é pouco compreendida, pois, muitos professores, tentam contorná-lo punindo comportamentos indesejáveis, sem entender que a punição sozinha raramente reduz as ações. Em vez disso, os alunos maltratam os outros de forma ainda mais violenta. Porém, quando as inquietações são comprometidas e harmonizadas a relação com o grupo, se torna mais fácil.

Percebe-se claramente que o importante nessa luta é acreditar que sempre há um caminho, e que nada é definitivo ou permanente desde que a transformação seja um compromisso assumido por todos.

E preciso que se aponte fundamentalmente na mudança do ambiente escolar a partir de uma mudança de perspectivas e atitudes de todos, a começar pelos professores. Os estudantes poderão reagir de outra forma diante do bullying, na medida em que percebam que algo mudou na escola quanto ao tema. As vítimas se sentirão seguras ao comunicar eventuais novas ocorrências; as testemunhas que antes riam dos agredidos ou mesmo incentivavam explicitamente os agressores se sentirão constrangidos, se mantiverem essas posturas, e os próprios autores

poderão refletir melhor sobre suas ações na medida em que muitos de seus colegas passem a desvalorizar tais condutas, tratando-as, por exemplo, como sinais de covardia. (CHALITA 2010, p.195).

Dessa forma, vítimas, autores, e testemunhas merecem atenção, pois é necessário que para cada grupo se construa uma estratégia específica. O agravante é que por ser um problema que ocorre entre alunos (em se tratando de bullying na sala de aula), o bullying pode demorar a ser detectado e em muitos casos, quando pais e professores ficam sabendo a criança ou adolescente já sofre há bastante tempo.

Porém, essa dificuldade, não deve ser usada como desculpa para que os educadores e a escola como um todo se exima de sua responsabilidade, afinal, embora se reconheça que é difícil superar o problema de comportamentos agressivos repetitivos nas salas de aula, é imprescindível que algo seja feito o quanto antes.

Lech (2007, p. 95) explicita seu pensamento ao dizer:

Sem dúvida alguma, prevenir é mais fácil do que corrigir, e essa mentalidade deveria permear o ambiente escolar. O planejamento das atividades deveria prever certos comportamentos e atividades que encaminhem para a promoção da paz e não dá violência.

O professor tem que ter uma prática pedagógica respaldada no planejamento de atividades interdisciplinares que sempre esteja interligada com uma conscientização promotora de uma reflexão sobre assuntos relacionados ao respeito, tolerância, amor ao próximo, entre outros, uma vez que, estas medidas adotadas poderão evitar que o fenômeno bullying possa a se desenvolver nas salas de aula, porém para que isso aconteça faz-se necessário uma mudança na formação de professores já que esta é uma das mais importantes ferramentas para abordagem, esclarecimento e orientação dos profissionais da educação.

### 3.3 BULLYING: ESTRATÉGIAS PARA PREVENÇÃO ESCOLAR

As escolas devem desenvolver programas preventivos capazes de proporcionar um ambiente escolar seguro onde às crianças e adolescentes possam aprender e se desenvolver sem medo das violências.

Em se tratando de “bullying escolar” os programas só terão resultados, segundo Fante (2010), dependendo do envolvimento, participação e compromisso de todas as esferas sociais envolvidas com o bullying, da duração e continuidade do programa. Sendo assim, serão descritas abaixo algumas sugestões de ações da autora para auxiliar as escolas no desenvolvimento de seus programas: Diagnóstico da realidade escolar, por meio de pesquisa quantitativa e qualitativa; promoção de encontros pedagógicos para debater o tema envolvendo a comunidade escolar, com o intuito de orientar e estabelecer parcerias, esclarecer a diferença entre brincadeira e bullying e sobre os aspectos legais que o envolvem; elaborar e incluir regras normativas antibullying no regimento interno escolar; criação de canais de comunicação para denúncias e orientações às vítimas e autores e seus familiares; estabelecimento de parcerias com as diversas instituições e atores sociais, para a criação ou inserção em Redes de Atenção à criança e ao adolescente e seus familiares para atendimento sistemático.

Teixeira (2011) no seu livro “Manual Antibullying” ainda sugere 20 itens essenciais que devem ser implantados na escola para conseguir efetivamente combater o bullying, alguns deles são: abordar uma disciplina sobre conceitos éticos relativos a problemas sociais do dia a dia do aluno; criar uma caixa de recados que funcione como um canal de comunicação entre estudantes e educadores, onde os alunos podem reportar incidentes, pedir ajuda e denunciar atos de bullying, por exemplo; criar uma supervisão do ambiente escolar com profissionais capacitados para intervir nos casos de bullying ou mesmo para intervir em situações que suspeitam que algo possa ocorrer; utilizar a técnica do role playing que consiste na criação de uma minipeça de teatro em que os alunos encenam um tema que está relacionado ao bullying, após a encenação mediada pela professora, os estudantes podem debater e discutir aspectos éticos e morais; proporcionar trabalhos em grupos e atividades extracurriculares; conversas individualmente com os autores e a vítimas- a escola deve deixar claro para o autor que seu comportamento não será tolerado e terá punição, assim como deve oferecer apoio às vítimas; separação dos bullies em diferentes turmas escolares.

É importante que não se pode esquecer, nem eximir as escolas do seu papel fundamental na prevenção também do cyberbullying, como afirma Ventura e Fante (2011,p. 68):

Nos estabelecimentos de ensino, os professores devem levar a sério denúncias de bullying por esta via, que lhes sejam apresentadas pelos estudantes e devem encorajá-los a mostrar as mensagens e a relatar os fatos à direção escolar. Sobretudo, no caso de existir a suspeição de esses atos terem sido perpetrados por alguns estudantes do estabelecimento de ensino. Quando ocorrerem ameaças explícitas de violência, as vítimas e os respectivos responsáveis devem apresentar queixa na polícia.

No entanto as estratégias da prevenção aos cyberbullings devem ser divididas com os pais, ou seja, a escola deve orientar os pais ou responsáveis, conforme Teixeira (2011) para: conversar com seus filhos sobre o cyberbullying e as suas implicações; monitorar o uso do computador; questionar com o filho sobre quem são as amizades online; orientar para que ele nunca forneça informações pessoais; ensine-o a criar senhas difíceis de serem descobertas; oriente para que ele não forneça sua senha pessoal de e-mails ou redes sociais a amigos e desconhecidos; não permita que publique fotos muito expositivas; avise que tudo, o que ele escrever poderá ser copiado e enviado pela internet para qualquer pessoa; ensine que não se comunique ou responda e-mail de desconhecidos, oriente que saia da internet caso perceba ou visualize algo considerado agressivo ou errado.

Portanto, a escola pode fazer a sua parte para evitar continuar a assistir a essa violência dia após dia, buscando sempre estratégias eficientes que a auxiliie no seu combate, considerando a sua realidade escolar.

### 3.4 O FENÔMENO BULLYING E OUTROS TIPOS DE VIOLÊNCIA

O termo violência pode ser usado nas várias instâncias políticas, sociais e econômicas, por isto é necessário, em primeiro lugar, estabelecer o que seja adequado à situação ou contexto em que se quer situar o assunto; a princípio, todo ato de violência é visto como um comportamento antissocial, alguém que age contra a sociedade, violando suas normas e desrespeitando os direitos dos outros participantes da comunidade.

Dentre os tipos de violência<sup>6</sup> ocorridas na sociedade encontra-se: a violência física que é o uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.abrapia.org.br/homepage/tipos\\_de\\_violencia/tipos\\_de\\_violencia.html](http://www.abrapia.org.br/homepage/tipos_de_violencia/tipos_de_violencia.html). Acesso em 21 Nov 2013.

evidentes; a violência psicológica ou agressão emocional, tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada pela rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas; a violência verbal que normalmente é utilizada para oportunizar e incomodar a vida das outras pessoas, como as ofensas morais (insultos), depreciações e os questionários infundáveis; violência sexual na qual o agressor abusa do poder que tem sobre a vítima para obter gratificação sexual, sem o seu consentimento, sendo induzida ou obrigada a práticas sexuais com ou sem violência física; a negligência, que é o ato de omissão do responsável pela criança/idoso/outra (pessoa dependente de outrem) em proporcionar as necessidades básicas, necessárias para a sua sobrevivência, para o seu desenvolvimento.

Entre as variáveis da violência, está a ocorrida nas escolas que não se apresenta como uma modalidade nova, mas tem recebido maior atenção pela sua alta incidência e porque atinge o sujeito em um dos seus mais importantes direitos: o direito à educação.

Com efeito, a expressão “violência escolar” muito comumente empregada no Brasil: “tem sido usada para designar as condutas disruptivas mais evidentes ou alarmantes como, por exemplo, as agressões físicas, o porte de arma de fogo, a depredação da escola e as ameaças ou agressões a professores”. (ROLIM, 2010, p. 29).

Fante (2005) chama a atenção para os fatores externos e internos que podem influenciar a violência escolar. Entre os fatores externos, a autora cita o contexto social, responsável pela exclusão daqueles que não tem acesso a benefícios sociais; os meios de comunicação, que promovem a banalização das relações interpessoais e a família, primeiro local onde as crianças aprendem a relacionar-se com outras pessoas, estendendo o comportamento aprendido para outros locais, como a escola.

Como fatores internos, Fante (2005) cita: o clima escolar onde, tradicionalmente, tem-se imputado as diferenças individuais procurando estabelecer um clima desigualdade para facilitar o manejo da aplicação dos conteúdos disciplinares, estigmatizando aqueles que não apresentam um mesmo resultado, fazendo com que o aluno se sinta cada vez mais distante dos objetivos de melhoria de vida por meio da educação recebida nas escolas; as relações interpessoais, que

formam a base do desenvolvimento emocional, podendo ser positivo quando há reciprocidade nas relações afetivas e negativo quando ocorre a exclusão; a discriminação, origem de conflitos, estresse e inaptações; a relação professor-aluno que paira sob uma luta constante de tomada de poderes, de medição de forças, resultando em alunos e professores estressados.

Para Debarbieux (2002) a nossa preocupação deve voltar-se para as violências veladas, que por ser mascarada, acaba passando despercebida e torna-se parte da rotina da escola, construindo a base da destruição de muitas vidas:

A violência não se limita a um único elemento traumático e inesperado – embora, por vezes, isso de fato aconteça. A violência, tanto para quem a comete quanto para quem é submetido a ela, é, no mais das vezes, uma questão de violência repetida, às vezes tênue e dificilmente perceptível, mas que, quando acumulada, pode levar a graves danos e a traumas profundos nas vítimas, e a um sentimento de impunidade no perpetrador (embora devamos ter sempre em mente que certos perpetradores costumam ser, eles próprios, vítimas). (DEBARBIEUX, 2002, p. 82).

E é exatamente através dessa violência velada que o bullying se manifesta, como um tipo particular de comportamento violento, pelo qual se oferecedor e sofrimento de forma repetida, em uma experiência que pode produzir sequelas ou consequências muito graves às vítimas e aos autores.

Segundo Camacho (2001), as formas de violência seguem as particularidades de cada escola e dependem do cenário onde se apresentam para se revelarem mais sutis ou mais explícitas. Na fuga de um julgamento os alunos envolvidos utilizam-se de máscaras para que os adultos não percebam; artifício que não é usado entre o grupo de amigos, pois neste caso o objetivo é conquistar a admiração e aceitação deles. O uso de máscaras, conforme explica Camacho, também é percebido entre os professores que entram num jogo de faz-de-conta, o aluno finge que não fez nada de errado e que o professor não percebeu e o professor finge que não está vendo.

Muitas vezes a resolução de um conflito está nesse contexto, o educador não compreende a realidade do problema, dos seus alunos e suas complexas interações, da escola na qual trabalha, assim fica difícil de perceber as problemáticas vivenciadas nesta, favorecendo assim o desenvolvimento de novos conflitos cada vez mais graves.

Ventura e Fante (2011, p. 22) definem o bullying, como: “comportamento agressivo repetido que pode se revestir de várias formas e que ocorre no âmbito de um desequilíbrio de poder físico ou psicológico entre o agressor e a vítima”.

É importante salientar que o bullying não só ocorre nas salas de aula, ele pode ocorrer em qualquer outro lugar, porém o que se precisa saber é que, de acordo com Martins<sup>7</sup> (2005 apud VENTURA; FANTE 2011, p. 23), bullying é uma: “vitimação e/ou intimidação entre pares” ou “maus-tratos entre iguais”. Ocorre, por exemplo, de aluno para aluno, de professor para professor, e outros iguais.

Assim, não existe o bullying praticado pelo professor contra o aluno e nem vice-versa, como defende alguns autores. O que na verdade ocorre é o assédio moral (outro tipo de violência) praticado pelo professor contra o aluno e outro tipo de agressão, como a injúria (entendida como um ato de zangar-se, ou ato injusto), ou até violência física praticada por um(s) aluno(s) contra o professor, podendo ser essas agressões causadas por um estado num dado momento em que o aluno esteja passando, visto que esses atos são vistos como uma forma de chamar atenção do professor para refletir sobre sua relação com este, que possivelmente não possa estar boa. O professor é uma autoridade na sala de aula. Ou seja, o ato bullying não acontece de uma pessoa indefesa para o mais forte e mesmo que exista a desigualdade de poder entre ambos, no bullying não pode haver a desigualdade de hierarquia.

Como podemos ver no assédio moral frequentemente casos de relações autoritárias, em que chefes utilizam justamente a sua condição hierárquica para humilhar, diminuir e, até mesmo, causar desconforto no ambiente de trabalho. Acontece, por exemplo, nas relações entre chefe e funcionário, professor e aluno.

Sendo assim, o bullying e o assédio moral são situações de violências próximas, uma vez que suas características e consequências são bastante semelhantes, porém são fenômenos distintos.

O Assédio Moral se caracteriza pela atitude insistente e pela ação reiterada, por período prolongado, com ataques repetidos, que submetem a vítima a situações de humilhação, de rejeição, vexatórias, discriminatórias, e constrangedoras com o objetivo de desestabilizá-la emocional e

---

<sup>7</sup> MARTINS, Maria José D. **O problema da violência escolar**: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados, Revista Portuguesa de Educação, vol. 18, núm. 1, pp. 93-115, Universidade do Minho Portugal, 2005.

psiquicamente, quase sempre com severos reflexos na saúde física e mental. Tais ações podem ocorrer de forma direta ou indireta, por ação ou omissão, por gestos, insinuações, zombaria, sarcasmo, ironias, hostilidade, maledicência, pela atitude de desprezo e/ou por tornar insignificante a vítima, cuja existência passa a ser ignorada. (PELI; TEIXEIRA, 2006, p.27)

Como dito, ambos se parecem. A diferença está na relação entre pares existente no bullying e inexistente no assédio moral. Outro fato importante a ser salientado é que este último é muito comum no trabalho e causa diminuição do rendimento operacional além dos prejuízos emocionais e psicológicos.

Podemos perceber mais uma diferença, diferente do bullying que o alvo não reage por causa da sua condição psicológica, no assédio moral o alvo não reage por medo de ser mandado embora do trabalho, ou expulso da sala de aula, por exemplo, porém só inicialmente, porque depois este pode possivelmente reagir.

Portanto, podemos encontrar o bullying e o assédio moral na escola, assim como no trabalho. Apesar de o assédio moral ser outro tipo de violência, não se pode deixar também que este passe despercebido, pois assim como o bullying pode deixar marcas profundas em suas vítimas.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a leitura e resultados das entrevistas, os dados foram organizados tomando-se por base seis categorias de análises, a saber: A concepção docente sobre o bullying e consequências do fenômeno; Reconhecimento do bullying e outras formas de violência escolar; Estratégias de combate ao bullying; Sujeitos que possam vir a praticar e sofrer ação de bullying na concepção dos docentes; Bullying: conhecimento na formação inicial ou continuada dos docentes; Tempo gasto em sala para resolver conflitos.

### 4.1 A CONCEPÇÃO DOCENTE SOBRE O BULLYING E CONSEQUÊNCIAS DO FENÔMENO

As respostas das entrevistas apresentaram confusão com o conceito de temas correlatos, como se pode observar no relato abaixo onde se confunde o bullying com uma violência física ou psíquica, como, relatam estes docentes ao serem questionados sobre o que é o bullying na sua concepção:

É todo ato de opressão, agressividade, etc. Causado dentro da escola de aluno para aluno (PA).

É uma violência psíquica ou física que uma criança pode sofrer na escola em virtude de outra criança (PB).

Bullying é agressão física ou psicológica (PC).

Sabe-se que nem toda agressão pode ser classificada como bullying. Para Fante (2010) é bullying quando se identifica nas ações: a intencionalidade de causar danos; a persistência e continuidade das agressões contra o mesmo alvo; a ausência de motivos que justifiquem os ataques; a assimetria de poder entre as partes; os prejuízos causados as vítimas. Constata-se assim que estes docentes não sabem diferenciar o bullying de outros tipos de violência.

Por outro lado, alguns docentes mostraram que conhecem parte da conceituação de bullying como seguem os relatos abaixo:

São formas agressivas com atitudes verbais ou físicas que se repetem causando angústia nas pessoas que são intimidadas sem que as mesmas possam se defender (PF).

Pode caracterizar fatos agressivos, verbais ou físicos de maneira repetitiva por parte de alunos contra outros (PG).

Ao analisar as respostas, percebe-se que estes docentes sabem que não são todas as agressões que podem ser considerada como bullying e que as agressões cometidas podem ocorrer de diferentes maneiras.

Em relação às consequências que o bullying pode trazer para a vida da vítima e do agressor, algumas respostas foram incompletas e outras mostraram que alguns docentes não têm conhecimento adequado. Tais como:

Para a vida da vítima causa um trauma que atrapalha na sua educação e na vida escolar, transmitindo no seu contexto de vida e do agressor só continuará praticando as agressões (PA).

Para a vida da vítima o bullying pode deixar algumas consequências como: problemas psicológicos, além disso, na criança pode se tornar violenta no futuro etc, já em relação ao agressor o bullying simplesmente o tornará mais violento na vida adulta (PB).

A vítima sofrerá baixa auto-estima e o agressor não conquistará respeito de ninguém (PC).

Estudos científicos evidenciam que há consequências devastadoras tanto para um como para outro. No entanto, percebe-se que os docentes acima tem uma concepção muito restrita sobre as consequências do bullying para as vítimas, bem como, desconhecem que os agressores também podem sofrer inúmeros efeitos do fenômeno, não somente aqueles citados acima. Uma vez que segundo Teixeira (2011, p. 56):

Crianças e adolescentes alvos de bullying podem apresentar insônia, baixa autoestima, depressão e podem também desenvolver transtornos como a fobia escolar, um medo exagerado de frequentar a escola que pode prejudicar os estudos. Outra grave consequência é a prevalência de índices elevados de pensamentos de morte e ideação suicida.

Quanto às consequências aos agressores Fante (2010, p. 21), afirma que:

Seu comportamento agressivo pode se solidificar com o tempo, comprometendo as relações afetivas e sociais, além da aprendizagem de valores humanos, como a solidariedade, a empatia, a compaixão, o respeito a si mesmo e ao outro, o que afetará as diversas áreas de sua vida. Muitos tendem à depressão, o suicídio, à autoflagelação, ao envolvimento em delinquência, uso de drogas e criminalidade. Futuramente, podem cometer a violência doméstica e o assédio moral no trabalho.

É importante lembrar que para os educadores identificar e combater o bullying na sala de aula se faz necessário conhecer esse fenômeno, pois caso contrário, Fante (2010) afirma que o diagnóstico será equivocado, o que comprometerá o atendimento e o encaminhamento correto dos casos.

#### 4.2 RECONHECIMENTO DO BULLYING E OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

A partir das entrevistas e das observações realizadas, pode-se obter como resultado que no 6º ano “A” há caso de prática bullynista, pois os professores confirmam que as agressões são repetitivas, visto que, para Olweus, (1993 apud VENTURA; FANTE, p. 23) “um estudante está sendo vítima de bullying ou vitimização quando ele ou ela é exposto, repetidamente e de forma sustentada, a ações negativas por parte de um ou mais outros estudantes”. Como afirmam abaixo quando questionados se estes percebem as situações de agressividade e se as mesmas eram frequentes na sala:

Sim, frequentes principalmente agressão verbal; geralmente são situações difíceis de conviver, pois muitas vezes essa agressividade já vem do meio familiar e a escola sozinha não consegue combater (PA).

Sim, constante. Situações que me deparo a todo instante é com chutes, beliscão, tapas, empurrões, etc (PE).

Sim, há casos frequentes desse tipo de agressão. Na maioria dos casos é devido a características do corpo, como peso, ou algo aparente, que da origem a apelidos e brincadeiras de mau gosto afetando o psicológico do atingido (PG).

Através das observações verificou-se nesta sala que as formas de agressões acima eram constantes, principalmente contra as meninas da sala. Outra

questão observada é que as meninas que sofriam essas agressões, não provocavam ações que justificassem motivos para tal comportamento. Um aluno em específico, o maior e mais velho da turma, juntamente com seu amigo, utilizava-se da frase “vai vender bomba, carai” para referir-se sempre a mesma colega que estava acima do peso. Outra forma que este aluno encontrava para fazer brincadeiras de mau gosto era praticar agressões físicas e verbais repetidas a um colega considerado por outros da escola como “sensível”, apelido dado a este, por chorar por qualquer ofensa dirigida ou qualquer motivo.

Ressalta-se aí a prática de ação bullying, mostrando a sua face de desigualdade de poder, onde o aspecto físico da menina e uma característica peculiar do menino como uma pessoa sensível foram colocados em evidência, por não apresentar um porte físico e uma característica tida como modelo para a sociedade.

Já no 6º ano “B” um professor negou a existência de qualquer tipo de agressão na turma e não quis falar sobre o assunto. Ao abordar o tema violência e agressividade escolar não parece ser algo muito confortável para os educadores. Por isso, é comum negarem a existência do fenômeno violência na escola, pois como educadores, podem se sentir questionados quanto ao seu trabalho, como afirma Fante (2005, p. 198): “um dos grandes desafios do professor é o de tentar manter o controle da classe para que não seja visto como incompetente ante a equipe docente e a direção escolar”. Porém o PB, PF, PC, foram unânimes ao afirmarem que existem situações de agressões na turma, mas não era frequente, este último ainda justificou o fato de não serem frequentes por ele não deixar ir adiante, tomando medidas preventivas<sup>8</sup>.

Conclui-se que nesta sala não possui práticas bullynistas, mas sim casos de violências escolares comuns, verificados através das observações feitas e dos relatos das entrevistas. Outro fato que confirma essa afirmativa é a resposta do PE, quando diz:

Existe às vezes agressividade mútuas entre os alunos como, por exemplo, tapas, arranhões, arremessos de objetos nos colegas, que lidam com isso naturalmente, esses atos não se repetem constantemente.

---

<sup>8</sup>Encaminhar os casos a direção ou colocar o aluno para fora da sala.

Através da expressão “lidam naturalmente” pressupõe-se que são agressões pontuais, que resultam numa raiva passageira de discussões mútuas entre eles. Assim, para Olweus (1998 apud FANTE, 2005) caso as agressões ocorram somente em um determinado momento, em alguma situação esporádica, não é bullying. No entanto, há que se enfatizar que devido o fato de não ser bullying essas agressões, este docente não deve tratar o assunto como algo natural ou deixar que os próprios alunos resolvam tais situações, pois assim este, estaria fugindo do seu papel como educador e, por conseguinte estaria induzindo indiretamente os alunos a acreditarem que esse tipo de comportamento é normal, visto que o mesmo não procura intervir nesses casos. A atitude do PE condiz com a afirmação de Lopes Neto (2005) quando diz que comportamentos agressivos que acontecem em escolas são rotineiramente levados como normais sem dar a merecida atenção, tanto pelas famílias quanto pelos professores. Dessa forma, faz-se também importante que os educadores estejam atentos as manifestações agressivas em sala, para que esta não se agrave futuramente podendo até transformar-se em casos de bullying.

Reconhecer o bullying na sala de aula não é uma tarefa fácil, pois na maioria dos casos a vítima não denuncia as agressões sofridas por medo ou vergonha de se expor, por isso o professor deve estar atento aos sinais emitidos pelos envolvidos neste fenômeno, observando seus comportamentos.

Teixeira (2011) sugere algumas pistas de perfis comportamentais de alunos que merecem a atenção dos educadores em sala, pois tais comportamentos podem ser sinais de vítimas de bullying, são eles: evita atividades escolares como grupos de estudo, passeios ou atividades esportivas; é agredido fisicamente, entretanto não é capaz de se defender; é excluído de brincadeiras ou esporte; normalmente é o último atleta a ser escolhido nos times de educação física; apresenta uma queda no rendimento acadêmico; mostra-se inseguro ou ansioso; não é convidado para festas de aniversário de colegas da sala; desinteressa-se pelos estudos.

Nesse contexto, os docentes do 6º ano “A” e “B” relataram que as maiores situações e formas de reconhecer uma ação agressiva entre os alunos são através de: chutes, tapas, brigas, ofensas, dentre outros. Como pode ser visto nos relatos abaixo:

Quando um aluno chuta o colega, quando um dar um tapa no outro, quando um empurra o outro (PA).

Toda vez que o colega tenta amedrontar outro seja com agressão física ou por meio de pressão psicológica (PB).

Quando ocorre ataque físico ou moral (PC).

Quando um aluno destrói outro verbalmente causando trauma a vítima (PD).

Desde que exponha o aluno ao ridículo, causando repressão aparente, com apelidos e nomes de cunho sarcástico, que cause constrangimento e vergonha aparente (PE).

Brigas, ofensas, comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas, brincadeiras de mau gosto, etc (PF).

A partir do momento que ocorre ataques físicos, como por exemplo, tapas; ataques psicológicos, como um aluno amedrontando outro e ataques verbais, como palavras ofensivas, etc (PG).

Assim nota-se que PB, PC, PF e PG têm noção do que é uma ação agressiva, porém, há uma diferença entre eles, em relação à distinção de violências, pois se constata que para PB e PC, toda violência do tipo física e psicológica é o mesmo que bullying, já PF e PG tem uma noção de distinção de bullying e outros tipos de violência, pois estes reconhecem que essas ações agressivas só podem ser caracterizadas como bullying se as mesmas acontecerem repetidamente e as vítimas não tiverem em condições de se defender, como já foi discutido anteriormente.

O PD e PE através de seus relatos percebe-se que têm um conceito muito restrito de ações agressivas, pois para eles apenas os ataques verbais podem ser caracterizados como atos agressivos ou violentos, possuindo assim a mesma concepção de bullying, tais como:

É quando alguém trata outro de maneira agressiva com apelidos que vão causar transtornos as vítimas (PD).

São comportamentos agressivos, de caráter moral sem motivo aparente que causam sofrimento para as pessoas (PE).

Conclui-se que para os docentes acima, bem como, para os docentes PB e PC, fica ainda mais difícil reconhecer e combater uma prática bullynista em sala, visto que, estes têm a mesma concepção de bullying e outras violências escolares.

Quando questionados se alguns pais os procuraram para retratar algum tipo de violência sofrida por seus filhos na escola, os docentes afirmaram que nunca estes haviam os procurado, já o PA disse:

Sim, uma vez, pois seu filho sofria com tapas constantes de outro aluno.

Percebe-se neste caso a existência de bullying, pois a família, segundo o docente, o procurou para este tomar providências, uma vez, que por causa das agressões constantes o aluno não queria mais frequentar a escola, assim, nota-se que as agressões estavam se tornando um trauma para o aluno. Dessa forma, o aluno em questão estava sofrendo um dos efeitos causados pelo bullying como cita Teixeira (2011), a respeito das consequências aos alvos: desinteresse pelos estudos; fobia escolar; abandono escolar; medo; insegurança; isolamento social.

Um fato importante a ser observado é que os pais dessa vítima deveriam procurar a coordenação pedagógica da escola e comunicar o acontecido, pois segundo Teixeira (2011, p. 96) “se os pais suspeitam que o filho ou filha é vítima de bullying na escola, eles devem entrar em contato com a coordenação pedagógica o quanto antes e agendar um encontro para discutir o problema”.

Para Chalita (2008), é indispensável que se estabeleça uma parceria entre a escola e a família, é preciso que pais e educadores tenham um olhar atento, amoroso e sensível, que propicie atitudes efetivas.

Nesse sentido, aos pais, cabem à função de se manterem atentos aos comportamentos, aos hábitos, as rotinas e as atitudes dos filhos, pois qualquer mudança poderá sinalizar que algo diferente está acontecendo. É importante também, que os pais disponibilizem momentos de diálogo, para que a criança ou adolescente partilhe tudo que ocorra na escola, assim como, os docentes devem estar atentos nos comportamentos em sala, proporcionando uma ação pedagógica respaldada no diálogo, no carinho, no respeito, pois dessa forma, torna-se mais fácil identificar as práticas de bullying que eventualmente possa estar sofrendo ou até mesmo praticando.

Em relação aos lugares onde é mais comum ocorrer às agressões dentro da escola, o resultado desta questão deu-se como a sala de aula o espaço onde mais ocorrem estas agressões, ficando em segundo lugar os intervalos de recreio. Ou

seja, dos docentes pesquisados apenas o PE e o PG citaram os intervalos de recreio, juntamente com a sala de aula, onde mais acontecem as agressões, como se pode ver nos seus relatos:

Na sala de aula durante as aulas e no intervalo durante as brincadeiras do recreio (PE).

Acho que principalmente na sala de aula e nos intervalos (PG).

Portanto, os resultados foram condizentes com as pesquisas feitas no Brasil que indicam a sala de aula como local do espaço escolar em que as agressões repetitivas mais acontecem.

#### 4.3 SUJEITOS QUE POSSAM VIR A PRATICAR E SOFRER AÇÃO DE BULLYING NA CONCEPÇÃO DOS DOCENTES

Os docentes afirmaram que o bullying não acontece apenas entre alunos, alguns acreditam que os profissionais da educação podem vir a sofrer o fenômeno, como se pode ver nos seguintes relatos:

Não, isso ocorre também com profissionais da educação quando sofrem bullying de seus alunos eu nunca sofri bullying na escola que trabalho, graças (PA).

Não, os alunos podem cometer bullying com o professor, nunca sofri bullying, mas presenciei a colegas de trabalho (PC).

Não acontece só entre alunos, não. Eles também podem fazer bullying com o professor. Eu nunca sofri bullying não (PD).

Acredito que o bullying não se restringe a alunos, mas todos estamos expostos a esse tipo de violência, nós professores podemos sofrer bullying de alunos. Nunca sofri nenhum tipo de agressão física ou moral (PE).

A partir das respostas acima pode-se afirmar que estes professores não acreditam que o bullying possa vir a ser praticado pelos profissionais da educação contra seus alunos e que eles nunca sofreram o mesmo na escola em que

trabalham, apesar de acreditarem que os alunos possam praticar o fenômeno com os docentes.

PC diz já ter presenciado uma ação de bullying de alunos contra colegas de trabalho, porém recorda-se que este mesmo docente tem a concepção de bullying apenas como uma agressão física ou psicológica. Ou seja, toda violência física e psicológica para este docente pode ser caracterizada como bullying. No entanto, o PF e o PG acreditam que o bullying possa ocorrer apenas entre iguais corroborando com Fante (2012, p.25) quando diz: “esse termo deve ser empregado para exemplificar comportamentos agressivos ou violentos entre pares, independente de estarem iniciando a escolaridade ou concluindo a universidade”.

Em relação aos espaços em que o bullying possa acontecer apenas os docentes abaixo afirmaram que o fenômeno pode ocorrer em outros espaços fora o da escola, conforme se pode ver nos seguintes relatos:

Não, pode acontecer em qualquer lugar, no trabalho, por exemplo. Nunca sofri bullying na escola em que trabalho (PF).

Não, acontece também entre vizinhos, no trabalho, na internet, entre outros. Eu nunca passei por essa situação na escola (PG).

Os professores acima citados são os que reconhecem parte da conceituação de bullying, o que deixa a entender que estes docentes novamente concordam com Fante (2012, p.26) quando afirma sobre o fenômeno: “embora sua identificação seja mais comum no ambiente escolar, também ocorre em outros espaços fora da escola frequentados por jovens, como ambientes virtuais, escolas de idiomas, de futebol, de academias, shopping centers, clubes e condomínios residenciais, entre outros”.

Vê-se através destas entrevistas que os docentes apresentam concepções diferentes. Esse fato justifica-se segundo Fante (2012, p. 25) devido:

O termo bullying também vem sendo utilizado nas mais diversas situações que envolvem docentes e discentes. Não raro, é empregado em situações de indisciplina, conflitos, desacato ao professor, brincadeiras inconsequentes ou inconvenientes, incivilidades, depredações e pichações de prédios e até mesmo quando determinados alunos são corrigidos ou disciplinados pelos profissionais da escola.

Assim, a generalização do fenômeno tem confundido e comprometido o conceito de bullying, favorecendo a concepção equivocada<sup>9</sup> de que o mesmo pode haver entre professor e aluno ou vice-versa, por exemplo. O mesmo ocorre quando existem casos de outros tipos de violência e até mesmo indisciplina nas escolas ou assédio moral sendo identificados como bullying.

#### 4.4 BULLYING: CONHECIMENTO NA FORMAÇÃO INICIAL OU CONTINUADA DOS DOCENTES

Há um consenso entre os estudiosos de que o bullying entre escolares é um fenômeno antigo. De igual modo, também há uma ideia de que o bullying é um fenômeno novo, uma vez que se converteu em fonte de preocupação nos estabelecimentos de ensino há bem pouco tempo. No nosso país este fato é bastante notável. O professor PE afirmou ter estudado algo sobre bullying na sua formação inicial:

Durante a realização de um estágio obrigatório do curso, realizei um projeto pedagógico sobre bullying. Aprendi que nem sempre a violência se resume a agressão física e que o diálogo é sempre a melhor prevenção.

Já os seguintes docentes responderam que já leram ou viram reportagens sobre o assunto:

Nunca estudei durante formação, mas já vi reportagens; aprendi que o bullying acontece com frequência nas nossas escolas, e nós como educador necessitamos estarmos preparados para se deparar com essas problemáticas que atrapalham a vida do aluno (PA).

Não estudei, mas já li algumas reportagens e percebi que é algo que tem que ser trabalhado em todos os ambientes (PD).

Os docentes abaixo assistiram palestras, filmes e documentários, sobre o assunto conforme afirmam:

Não estudei. Assisti palestras, onde pude aprimorar a capacidade de identificar caso de bullying no ambiente escolar (PC).

---

<sup>9</sup> Essa concepção é equivocada para os autores utilizados e citados nesse trabalho, uma vez que não há um consenso único a respeito da definição de bullying.

Não estudei. Já assisti a palestras, filmes, reportagens, e documentários relacionados ao tema em destaque. Vi diante de tantos conhecimentos o que de fato deve ser feito, mas que na prática muito coesa precisa melhorar para mudar essa situação que vemos acontecer na nossa sociedade (PF).

Nunca estudei. Assisti um documentário, onde retratava a origem e as consequências do bullying. Ficou claro que existem diversos indícios de bullying no meio onde você convive e que o bullying pode ser combatido principalmente dentro do ambiente escolar (PG).

No entanto, o PB afirma que nunca estudou nada em relação ao bullying, tudo que sabe é de maneira empírica e também nunca leu nada a respeito.

Portanto, percebe-se que a falta de preocupação e abordagem em relação à esta temática nas formações iniciais ou continuada de professores ou na procura por meios que forneçam informação (um vez que de fato já existem meios para tal), tem contribuído para este problema desenvolver-se de forma velada no campo educacional. Nesse contexto, o pouco conhecimento que alguns docentes têm sobre o bullying foi adquirido através de meios midiáticos, já que estes divulgam algumas informações sobre o fenômeno.

Pensando na formação inicial e na formação continuada dos professores, que permita transformá-los em agentes fundamentais de uma política concreta para a redução do bullying O'Moore (2000, apud VENTURA; FANTE 2011, p.51) propõe a seguinte lista de temas a abordar nessa formação: significado do bullying, extensão do fenômeno; indícios; efeitos; causas; estratégias preventivas; como lidar com os problemas da vítima e do agressor; desenvolvimento de uma política pelo estabelecimento de ensino para combater o bullying.

Porém esta tarefa de estruturação de capacitação de professores para lidar com o bullying deve estar embasada em três grandes áreas como afirma Ventura e Fante (2011): na reconstrução dos conceitos, pois há um conjunto de mitos generalizados que estão presentes na mentalidade dos professores, como por exemplo, o bullying é apenas uma parte normal do crescimento; no desenvolvimento da competência para identificação, esta competência está intimamente ligada à consciência da gravidade dos problemas associados ao bullying; capacitação para agir, os professores devem ser preparados para agir e devem, efetivamente, agir, preferencialmente num quadro de uma política global de ataque ao bullying. Assim, as formações devem abordar a temática do bullying conforme citado acima, caso contrário comprometerá o conhecimento correto do fenômeno.

Frente a um desconhecimento ou falta de abordagem, comumente os professores manifestam insegurança ou incerteza para falar sobre o que percebem e vivenciam na escola nas relações entre os alunos.

No decorrer das entrevistas com os docentes foi possível identificar insegurança na maioria deles, quando o assunto era agressividade escolar e principalmente bullying. Quando questionados se como educador estes se sentem preparados para lidar e intervir diante de situações de bullying, a maioria dos docentes responderam que não, como se pode ver nos relatos do abaixo:

Não me sinto totalmente preparado. Presencio situações inéditas. Em pouquíssimo tempo o professor tem que analisar, julgar, condenar ou inocentar, dando aula e administrando uma sala com mais trinta sujeitos ativos (PB).

Não, pois não tenho estudos ou orientações adequadas para desenvolver métodos em sala que identifique, além disso, o professor tem que dar conta de muitas coisas em sala (PC).

Não, devido à falta de orientação não me sinto preparada para resolver tal situação (PD).

Na teoria me sinto preparada, mas na prática não (PG).

A insegurança e o desinteresse pela falta de investigação diante de manifestações de bullying tornam-se tolerável pelos docentes os conflitos existentes na sala. Porém tal insegurança deve ser motivo de uma investigação para os professores buscarem conhecer o universo que de fato circunda os problemas dos alunos e entre alunos. Com a investigação os professores podem encontrar outros colegas que também apresentam dúvidas quanto ao comportamento da turma e juntos, podem esclarecer com os alunos a realidade que os cerca (ORTEGA, 2002). Ou seja, procurar saber se o problema é originário das relações entre os alunos em sala de aula, ou fora do contexto escolar.

Percebe-se que a falta de uma formação, poderia ser um fator determinante para ajudar a detectar e a lidar com o bullying. Para Fante (2010) uma das causas do bullying é a omissão e despreparo profissional e institucional, tanto quanto ausência de punição. Por isso, é necessário que os profissionais da educação tenham sempre conhecimento da sua realidade escolar buscando informações que lhes dão suporte para identificar, prevenir e combater tais problemas, caso contrário

favorecerá a perpetuação de comportamentos inadequados, violentos, agressivos, comprometendo a credibilidade desses profissionais e da escola.

#### 4.5 TEMPO GASTO EM SALA PARA RESOLVER CONFLITOS

Os episódios de conflito são uma realidade presente nos mais diversos contextos sociais. O contexto escolar não fica de fora, especificamente a sala de aula onde são diversos os fatores que pode afetar ou influenciar as relações entre os alunos em sala, podendo repercutir no seu processo de ensino-aprendizagem.

Jares (2002, p. 46) sustenta que os conflitos são “um fenômeno de incompatibilidade entre pessoas ou grupos, e está relacionado tanto com questões estruturais como com as mais pessoais”. Caracterizando por ser um acontecimento simultaneamente dinâmico e dialético com picos de intensidade (altos e baixos), que percorreia um dado itinerário com variações multiformes.

Assim, os conflitos em si dependendo do seu pico de intensidade pode se tornar em violência. Partindo do pressuposto que as consequências da ação desses conflitos podem gerar no contexto escolar, percebe-se a importância dos profissionais da educação em ter um olhar mais atento e canalizado a todas as atitudes que possam exprimir um conflito em sala. Infelizmente esses profissionais só tomam consciência dos problemas de conflitos quando estes já alcançaram altos níveis de incidência, como a violência escolar.

Fante (2005, p. 96) afirma que:

O ideal é que todas as escolas tomem a iniciativa de prevenir a violência antes que ela se instale em seu meio e inviabilize o processo educativo, chegando ao ponto de não seguir resolver, de um modo geral, as questões ligadas principalmente aos conflitos interpessoais, geradores da violência. Para tanto, a escola deveria ser um espaço democrático e os valores humanísticos fossem transmitidos pela educação dos sentimentos e das emoções.

Os conflitos podem ser benéficos ao campo educacional quando os profissionais da educação o vejam como um sinal de alerta para a prevenção de possíveis violências que possam surgir em função de suas consequências, por outro lado, os mesmos atrapalham o ensino-aprendizagem quando os professores passam a maior parte do tempo em sala os resolvendo, sem saber como administrar essa situação adequadamente. Quando os docentes foram questionados sobre

quanto tempo gastam em sala para resolvê-los obtiveram-se as seguintes afirmações:

Depende muito do conflito que acontece entre eles, mas geralmente sou bem sucinto para resolvê-los, em torno de 5 minutos (PA).

É muito relativo depende muito da situação, tem dias que gasto 10 minutos de aula, noutros até um terço do tempo de aula, devido aparecer mais de um conflito (PB).

Isso depende de como a turma está, mas são em média 10% do tempo de aula (PC).

Depende do conflito em alguns casos são mais rápidos que outros, têm vez que levo uma aula conversando com os envolvidos no conflito (PD).

Acredito que 30% do tempo disposto para a aula, devido estar lidando com adolescentes em que esses casos são mais frequentes (PE).

Pouco tempo, pois não tolero os conflitos em sala e encaminho a direção cerca de 5 minutos ou pouco mais (PF).

Pouco tempo, no meu caso eu busco o apoio do gestor, por isso o tempo que eu gasto é só para chamar a atenção, dialogando cerca de 20 minutos ou menos e encaminhar o caso a diretora ou coordenadora (PG).

Analisando as respostas dos docentes pode-se obter como resultado que em ambos os 6<sup>o</sup> anos, os conflitos em sala são um fato e que estes podem ter sido um fator determinante para o desencadeamento das violências e de bullying nesta série. Além disso, percebe-se que alguns dos docentes não conseguem desenvolver os conteúdos em sala, nem uma relação de ensino-aprendizagem de qualidade, posto que gastam boa parte do tempo de aula resolvendo situações de conflitos, muitas vezes deixando de realizar a função primeira do docente, que é ensinar, para evitar ou amenizar conflitos de toda ordem que surgem em classe.

#### 4.6 ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO BULLYING

A maior parte dos docentes quando questionados sobre que ações a escola na qual trabalham deve promover para combater o bullying, citaram que deveria haver mais esclarecimento sobre o tema, com: palestras recorrentes, diálogo, exposição de cartazes que oriente os alunos nos corredores da escola. Assim,

percebe-se que os mesmos possuem conhecimento de que uma das estratégias adotadas pela escola para combater o bullying é através da informação.

Como afirma Teixeira (2011), o primeiro passo para se obter sucesso na implantação de um programa antibullying na escola é o trabalho psicoeducativo. Ou seja, fornecer informação sobre bullying a toda comunidade escolar.

No entanto, os docentes afirmaram que a escola não possui projetos, nem programas antibullying, apenas uma única vez aconteceu uma palestra sobre o tema para os alunos da mesma. Segundo Chalita (2008, p. 197) “mais do que palestras ou debates isolados, é preciso construir coletivamente uma ação que fortaleça o conceito de respeito e de amizade entre os integrantes do processo educativo”. Portanto, é de suma importância que a escola coloque em prática ações educativas construídas em conjunto com todos que fazem parte da comunidade escolar para combater o bullying de forma continuada, sem durações limitadas.

Em relação à concepção dos professores soube como agir diante de algum caso de bullying na sua sala de aula, obteve-se como resultado: a conversa com os alunos envolvidos nos atos de bullying, encaminhamentos de casos à direção, solicitação da presença dos pais na escola, repreensão e punição do agressor e preparação da vítima para enfrentar novas situações bullynistas. Como pode ser visto nas seguintes afirmações:

O profissional jamais deve deixar que isso aconteça, afinal faz parte do nosso profissionalismo, mas quando acontece deve encaminhar o caso a direção (PA).

O professor deve imediatamente comunicar a autoridade competente da escola e convocar pais do responsável para uma conversa (PB).

O professor deve reprimir o agressor e preparar psicologicamente a vítima para as situações que ainda pode ocorrer (PC).

Ele deveria se impor, chamar os pais do agressor e da vítima para tentar resolver o problema (PD).

Devemos chamar os envolvidos para uma boa conversa, tentando criar e manter uma relação de amizade e respeito entre os alunos (PE).

Transmitir a importância do respeito para com o outro, incentivar a solidariedade, generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas (PF).

Primeiramente conversar com os agressores e as vítimas, se não der resultado procurar a direção ou outro órgão especializado (PG).

Mostra-se aí que alguns docentes sabem como devem agir diante de casos de bullying, mas nas suas ações pedagógicas cotidianas, como foi verificado durante as observações, não fazem intervenções adequadas no combate ao bullying, além disso, mostram-se apenas preocupados em repassar os conteúdos previstos para suas disciplinas (baseado numa pedagogia tradicional), deixando de lado aspectos que estão envolvidos no processo de ensinar e aprender, como por exemplo as relações conflituosas entre os alunos. Segundo Zabala (1998, p. 42) os conteúdos devem ser abordados em três categorias tais como: atitudinais, conceituais e procedimentais.

Os conteúdos conceituais referem-se à construção ativa de capacidades intelectuais para operar símbolos, imagens, idéias e representações que permitam organizar as realidades. Os conteúdos procedimentais referem-se ao fazer com que os alunos construam instrumentos para analisar, por si mesmos, os resultados que obtém e os processos que colocam em ação para atingir as metas que se propõem e os conteúdos atitudinais referem-se à formação de atitudes e valores em relação à informação recebida, visando a intervenção do aluno em sua realidade.

Assim, verificou-se através das observações que os docentes pesquisados não tinham nas suas ações pedagógicas os conteúdos atitudinais, visto que estes envolvem valores, atitudes e normas, incluindo neles, por exemplo: a cooperação, a solidariedade, o trabalho em grupo, o respeito, a ética e o trabalho com a diversidade. A abordagem daquele conteúdo, como afirma Zabala (1998, p. 48):

[...] supõe um conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos, uma análise e uma avaliação das normas, uma apropriação e elaboração do conteúdo, que implica a análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação.

Por isso, se faz relevante que o professor amplie sua concepção sobre os diferentes tipos de conteúdos que se pode abordar numa prática educativa, uma vez que proporciona uma revisão no planejamento escolar, no seu desenvolvimento e na sua avaliação, podendo ter neles um suporte para ajudar na prevenção de relações conflituosas em sala, principalmente de bullying.

Alguns conselhos e sugestões são dados aos profissionais da educação por Chalita (2008) para lidar diante dos conflitos de bullying, são eles: a parceria, ou seja, conversar com os alunos envolvidos e dizer que seus pais serão chamados para tomar ciência do ocorrido e participar da escola na busca de soluções; a

presença para interferir diretamente nos grupos sempre que necessário para romper a dinâmica de bullying, fazendo os alunos se sentarem em lugares previamente indicados, separando os possíveis autores de bullying de seus alvos; o diálogo realizado através de conversas com a turma sobre o assunto, discutindo a necessidade de que sejam respeitadas as diferenças de cada um.

Quanto às estratégias que os professores pesquisados citaram para evitar que um aluno seja maltratado em sala, tem-se: diálogo, a fim de levar o aluno a refletir sobre suas ações e o encaminhamento dos casos à direção. Porém, o que se verificou durante a observação realizada é que ambos os docentes do 6º ano, fingem não ver os maus tratos, alguns passam até despercebidos por eles, outros encaminham o caso a direção onde à diretora apenas dá uma punição de ler livros como castigo na biblioteca para o agressor, não havendo nenhuma forma de diálogo. O que fica evidenciado a falta de punição adequada e de intervenção eficaz, favorecendo que os conflitos aconteçam novamente.

## 5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, nota-se que diferenciar o bullying de outros tipos de violência e, por conseguinte identifica-lo não é uma tarefa simples. Os resultados mostram que a maioria dos docentes do 6º ano do ensino fundamental associa o conceito de bullying à violências simples ou pontuais, não entendendo tal fenômeno em suas características que o identificam: um comportamento agressivo, repetitivo e intencional com desnível de poder entre os envolvidos.

O fato dos docentes não saberem definir ao certo o que é o bullying está intimamente ligado à falta e maneira adequada de como é abordado o tema nas formações iniciais ou continuadas destes, já que é um assunto que ganhou notoriedade há pouco tempo no nosso país.

Quanto às consequências ocasionadas por este fenômeno, os docentes não tem um grande conhecimento sobre a proporção que estas podem vir a causar. Na visão dos docentes os agressores terão apenas as seguintes consequências de seus atos: não conquistarão o respeito de ninguém, continuarão praticando as agressões ou se tornarão mais violento na vida adulta. Isso demonstra um conhecimento restrito sobre os efeitos do fenômeno em relação os sujeitos envolvidos.

Os docentes demonstram estar, ainda, enraizados no modelo tradicional de ensino, pois foi possível constatar que os mesmos têm como prioridade apenas repassar o conteúdo programático previsto para suas disciplinas, deixando de lado outros aspectos que estão envolvidos no processo de ensinar e aprender, como por exemplo, as relações conflituosas entre os alunos.

Tal atitude permite o favorecimento de conflitos, violência e até mesmo o bullying entre alunos. Contudo, há professores que mostraram conhecimento de qual maneira deve-se agir diante de algum caso de bullying na sala, podendo trazer bons resultados, como: o diálogo entre os envolvidos, participação da família, procurar a direção da escola ou outro órgão especializado. Este fato pode até ser justificado pelas informações que os meios de comunicação divulgam sobre o bullying, já que a maioria dos docentes, como foi verificado, conhece um pouco do fenômeno a partir da mídia, porém, os docentes não colocam isso em prática nas suas ações pedagógicas, como foi verificado através das observações.

A maioria dos docentes adotam medidas de intervenção, como: encaminhar os casos à direção da escola, outros ficavam circunscritos apenas ao espaço da sala de aula, sinalizando assim, uma carência de projeto escolar de combate ao bullying e outros tipos de violências escolares, articulado com todos os membros da escola, posto que medidas como estas só surtam efeitos positivos se adotados de forma contínua e articuladas com os profissionais da mesma.

Como a maioria dos professores não percebem, especificamente, a prática de bullying, esse tipo de violência demonstrou ter livre curso entre as atividades escolares do 6º ano “A”, deixando os envolvidos no fenômeno, nesta sala, a mercê de tal violência, uma vez que medidas para sanar os efeitos do bullying não eram providenciadas.

Foi possível constatar também a insegurança dos professores em relação às manifestações agressivas ocorridas em sala, pois não havia uma investigação para descobrir a realidade que envolvia esses alunos nem se quer busca por soluções para tentar combater esses problemas ou preveni-los.

Denota-se também que o tempo gasto em sala para resolver os conflitos possíveis geradores de violência e bullying não estavam surtindo efeito para práticas educativas efetivas, uma vez que os comportamentos conflituosos e indesejados continuavam se convertendo outras violências, como por exemplo, o bullying.

Portanto, deve-se tomar conhecimento de que o bullying é um problema real e na medida em que os docentes, a escola, os pais, a sociedade, ficarem informados e capacitados plenamente para sua identificação e seu enfrentamento este problema será passível de solução.

## 6 REFERÊNCIAS

ABRAPIA- Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Criança e ao adolescente. (2002). **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em [http:// www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf](http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf). Acesso em 17 out. 2013.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre. Imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRASIL, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em 14 nov. 2013.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p.123-140, jan./jun.2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a09v27n1.pdf>. Acesso em: 17 out. 2013.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens**. Trad. Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

COSTA, C. **A entrevista**. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. DEFCUL, 2004.

DEBARBIEUX, E. **Violência nas escolas: dez abordagens européias**. Brasília: UNESCO. P.247-253, 2002.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da amizade. **Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo. Editora Gente, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. 2ª ed. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Trabalhando a prevenção do bullying na escola.** Campanha aprender sem medo. 1a. impressão. 6.000 exemplares. Plan Brasil. Projeto gráfico e programação visual: Fábrika comunicação impressão: Unigraf. São Luís, MA, 2010.

\_\_\_\_\_. O que a escola deve saber e fazer para deter o bullying. **Pátio:** ensino médio, profissional e tecnológico. Porto Alegre, n.14, set. – nov. 2012.

\_\_\_\_\_; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar:** perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A., SILVA Michele Reis da (coord). **Bullying mais sério do que se imagina.** Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

JARES, Xesús R. (2002). **Educação e Conflito.** Guia de Educação para a Convivência. Porto: EdiçõesAsa.

LECH, MariliseBrocksted. **Agressão na escola:** como entender e lidar com essa questão. Porto Alegre: mediação, 2007.

LISBOA, Carolina; BRAGA, Luiza de Lima; EBERT, Guilherme. **O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestações e possibilidades de intervenção.** São Leopoldo, 2009. Disponível em: <http://www.contextosclinicos.unisinos.br/pdf/61.pdf>. Acesso em: 10. Nov.2013.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria.** Rio de Janeiro, v. 81, n. 5 (supl), 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 10. Nov. 2013.

OLIVEIRA, Silvio Luis de. **Metodologia Científica aplicada ao direito.** São Paulo: Thomsom, 2002.

ORTEGA, R; REY, R. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

PELI, Paulo; TEIXEIRA, Paulo. **Assédio moral**: uma responsabilidade corporativa. 1.ed. São Paulo: Ícone, 2006.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação CalousteGulbenkian- Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano;FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009.

RAMOS, A. K. S. **Bullying**: A violência Tolerada na Escola. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>. Acesso em: 17 out. 2013.

ROLIM, Marcos Flávio. **Bullying**: o pesadelo da escola. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2010.

SILVA, Ana Beatriz. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual antibullying**: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

TORINHO, Lilian Simone Pereira Ribeiro; TOURINHO FILHO, Hugo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, jan./jun.1998.

VENTURA, Alexandre; FANTE, Cléo. **Bullying**- Intimidação no ambiente escolar e virtual. Belo Horizonte: Conexa, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## APÊNDICE A- ENTREVISTA

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Formação:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Tempo de atuação na área:** \_\_\_\_\_

1. Para você o que é o bullying?
2. Que consequências o bullying pode trazer para a vida da vítima e do agressor?
3. Durante a sua formação inicial ou continuada você estudou algo sobre bullying? Alguma vez já assistiu palestras, filmes, documentários ou reportagens sobre o bullying? Pode relatar algo que você aprendeu com essas formações?
4. Você percebe situações de agressividade entre os alunos em sua sala de aula? Essas agressões são repetitivas? Poderia falar sobre essas situações?
5. Em que situações e formas você considera uma ação agressiva entre os alunos?
6. Onde é mais comum ocorrer agressões dentro da escola na qual trabalha?
7. Algum pai/mãe (ou responsável), já o procurou para relatar algum tipo de violência sofrida por seus filhos dentro da escola?
8. Para você o bullying ocorre somente entre alunos? Você já sofreu bullying na escola na qual trabalha?
9. A escola na qual você leciona possui ou já possui projetos (seminários, palestras, e etc.) que falem sobre o assunto?
10. Em sua opinião, que ações a escola na qual você trabalha deve promover para combater o bullying?
11. Em sua opinião como o professor deve agir diante de algum caso de bullying na sua sala de aula?
12. Alguma vez você teve que intervir para evitar que algum aluno (a) fosse maltratado por outro colega em sala? Que estratégias de intervenção você utilizou nesses momentos?
13. Como educador você se sente preparado para lidar e intervir diante de situações de bullying na sua sala de aula? Por quê?
14. Quanto tempo você gasta em sua sala de aula para resolver conflitos?

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr (a) foi selecionado (a) e está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: **BULLYING NA SALA DE AULA - A PERCEPÇÃO E AÇÃO DE PROFESSORES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE OEIRAS-PI**, que tem como **objetivos**: identificar a concepção dos professores pesquisados sobre o bullying e consequências do fenômeno; Examinar que estratégias os professores pesquisados usam para intervir nos conflitos de bullying na sala de aula; verificar se na formação inicial e continuada dos professores pesquisados foram abordados temas relacionados às práticas de bullying; averiguar se os professores pesquisados fazem distinção das violências em geral e o bullying.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou publicados em revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de **ENTREVISTAS**. Sr (a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**. **Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de educação.

A pesquisa está sob responsabilidade da Sr **MONIZA LOPES MOURA ALVES** pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre sua participação, agora ou a qualquer momento.

---

Assinatura do participante